

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2020, vol. 10(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.2.490

 Open Access Journal

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Ricardo Fabrino Mendonça

Universidade Federal de Minas Gerais
[Federal University of Minas Gerais]

Viktor Chagas

Universidade Federal Fluminense
[Fluminense Federal University]

Apresentação

Emerson Urizzi CERVI
Ricardo Fabrino MENDONÇA
Viktor CHAGAS

Está no ar mais uma edição da Revista Compolítica. O segundo número de 2020 traz seis artigos inéditos, além de uma resenha e duas entrevistas. Abre a edição um artigo de Danila Cal, Nathália de Sousa Fonseca, Luana de Melo Laboissiere e Nathália Kahwage, que analisa a participação de mulheres do Pará no movimento #EleNão. O texto explora entrevistas e fotos de cartazes e inscrições corporais de pessoas que participaram de um protesto em Belém em setembro de 2018, baseando-se em debates da teoria democrática e do feminismo decolonial, para compreender sentidos atribuídos ao movimento. A análise revela novas formas de construção de solidariedade e de identidade como centrais no engajamento político dessas pessoas. O texto tem contribuições interessantes ao cotejar os resultados da análise deste protesto com estudos sobre outras manifestações, colocando em questão inferências derivadas de outros confrontos políticos. Cal e colaboradoras desafiam, por exemplo, a ideia de um *feminismo difuso*, como chave mais apropriada para explicar essas movimentações de mulheres na atualidade.

O segundo texto da edição, de Bianca Ruskowski, Camila Farias da Silva, Eduardo Georjão Fernandes, Marcelo Kunrath e Matheus Mazzilli, apresenta uma revisão de literatura sobre o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) por movimentos sociais, argumentando que, no Brasil há uma desconsideração sistemática dos avanços na investigação sobre confrontos políticos. Analisando artigos publicados em periódicos Qualis A e textos apresentados em dois GTs da Anpocs, os autores assinalam como a maioria dos trabalhos parte da análise de um movimento ou organização específica, havendo uma tendência na agenda mais atual em focar nos grupos de direita. Salieta-se, ainda, a centralidade do estudo das mídias sociais, sobretudo Facebook e Twitter, e a forte influência de autores estrangeiros, com reduzido diálogo com a produção brasileira sobre movimentos sociais. Outro achado revelador do texto é

que parte significativa dos artigos analisados não especifica a técnica metodológica empregada e não realiza um atermo mais amplo dos quadros teóricos mobilizados a partir de achados de pesquisa. Entre os trabalhos com clara discussão metodológica, nota-se o predomínio do uso de entrevistas e abordagens etnográficas.

Na sequência, o artigo de Claudio Penteadó e Rafael Pinto propõe o surgimento de “um novo sujeito alienado” diante das mudanças do capitalismo e das implicações do uso das TICs na forma como o poder é exercido. Os autores diagnosticam um sistema tridimensional de comunicação, em que economia, política e cultura se configurariam como planos em que a mercantilização dos sujeitos conduziria a formas alienadas de produção social. De acordo com eles, “[t]oda a produção, seja ela econômica, política ou cultural, nesses ambientes virtuais, é alienada dos indivíduos como propriedade de corporações detentoras das plataformas de mídias sociais, que são responsáveis pelo armazenamento, processamento e difusão dos dados pessoais dos usuários”. As pessoas contribuiriam, sem notar, para produzir lucro e vigilância, alimentando, ainda, um processo maquínico de conformação de subjetividades voltadas à servidão. Trata-se de uma retomada de uma das mais antigas tradições da pesquisa em comunicação política brasileira, a da economia da comunicação.

Os dois artigos subsequentes da edição abordam interfaces entre religião, política e comunicação. Frank Mezzomo, Brandon Lopes dos Anjos e Cristina Pátaro analisam a utilização do Facebook por candidatos a deputado estadual apoiados por igrejas evangélicas no Paraná. O estudo investiga 1.401 materiais postados nas *fanpages* dos candidatos e assinala a centralidade do uso de temas morais e interesses religiosos nas campanhas. Nota-se, ainda, o forte emprego de elementos religiosos nas peças divulgadas, bem como a mobilização de depoimentos autobiográficos e do endosso de lideranças religiosas. Há, contudo, diferenças no comportamento dos candidatos investigados e os autores fazem conjecturas sobre o modo como as diferenças entre designações religiosas podem ter implicações sobre o comportamento de candidatos. O trabalho faz uma conexão em religião, política e comunicação em meios digitais.

O quinto artigo da edição, de autoria de João Damasio, debruça-se sobre posicionamentos publicados pelas principais instituições espíritas do Brasil, nas eleições de 2018. A análise se dá em três frentes. No *âmbito sócio-organizacional*, investigam-se as formas de organização a expressar os posicionamentos. O *âmbito técnico-midiático* atenta para os dispositivos comunicacionais mobilizados nesse posicionamento. Por fim, o *âmbito político-discursivo* enfoca os posicionamentos, olhando, especificamente para três temas: eleições, política e cidadania. O artigo identifica a sustentação institucional da posição de neutralidade e da motivação caritativa, embora o contexto eleitoral tenha fomentado a circulação de opiniões em diversos canais a partir de ações individuais e a estruturação de coletivos progressistas.

O sexto e último artigo da edição se volta para a investigação da *Gazeta do Povo*, que alterou significativamente seu modelo de negócios ao apostar nas assinaturas digitais, em vez de publicidade, para se manter. Camilla Tavares discute o papel do jornalismo de convicções para viabilizar esse modelo de negócio. A análise de entrevistas com 15 jornalistas, indica o delineamento de editorias que se dedicam a dar visibilidade a convicções sobre alguns temas, como a relação entre Estado e sociedade e uma visão específica sobre o significado da família. Nesse contexto, a cultura organizacional se torna o próprio *ethos* dos jornalistas que se esforça por emplacar conteúdos que defendam os valores público e explicitamente advogados pela empresa jornalística.

A seção de extras traz duas entrevistas e uma resenha. A primeira entrevista foi feita por Tayane Abib com Xavier Giró Martí, que é professor do Departamento de Meios, Comunicação e Cultura da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB) e dirige um observatório sobre a cobertura de conflitos. Na entrevista, ele abordou a relação entre jornalismo e a promoção de uma cultura de paz. A segunda entrevista traz a visão do professor Wedencley Alves, da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre a cobertura da pandemia de Covid-19. Conduzida por Marise Tristão, a entrevista salienta as transformações e rearranjos discursivos possibilitados por este momento singular, e salienta a gravidade de processos em curso. Por fim, a edição se encerra com uma resenha do livro *Introdução à Teoria Democrática: Conceitos, Instituições, Histórias e Questões Transversais*, organizado por Ricardo Fabrino Mendonça e Eleonora Cunha, e publicado

pela Editora UFMG, em 2018. Escrita por Leonardo Santa Inês, Julia Ester de Paula e Gabriel Ferreira Aquino Silva, a resenha apresenta a estrutura e os argumentos deste livro didático, que foi produzido pelo Departamento de Ciência Política da UFMG para alunos de cursos de graduação.

Para além dos textos aqui apresentados à comunidade de Comunicação e Política, esta edição da revista é marcada por algumas despedidas e outras chegadas. Compete a nós agradecer o trabalho continuado de Camilo Aggio, Isabele Mitozo e Rayza Sarmento, que se dedicaram incansavelmente às tarefas editoriais da revista e partem agora para outras missões. Aline Brandão e Gláucia Neves deixam também o time da revisão, com o qual contribuíram de forma tão importante para assegurar a qualidade desta publicação nos últimos anos. A elas e a ele, nosso muito obrigado em nome da Revista Compolítica. Também nos cabe, felizmente, acolher e dar boas-vindas a Guilherme Popolin, Janine Bargas, Nina Santos, Paula Dornelas e Rafaela Sindorski, que passam a compor a comissão editorial da revista a partir desta edição. Obrigado por fortalecer nosso time! Tãmanha empreitada seria inviável sem a colaboração voluntária de tanta gente boa!

